

José Martins Garcia. *Vitorino Nemésio—à luz do Verbo*.
Lisboa: Vega, 1988.

Tânia Martuscelli

Vitorino Nemésio—à luz do Verbo é um estudo das diversas facetas do escritor açoriano baseado nos diferentes gêneros literários que constituem a sua obra: “O Narrador,” “O Poeta,” “O Investigador e o Crítico” e “O Cronista.” Como o título indica, José Martins Garcia parte do texto nemesiano para elaborar uma definição do que seria seu modo discursivo (e não propriamente seu “estilo,” como esclarece), com base no material linguístico que utiliza, i.e., a sua *linguagem*. Aliás, é já na introdutória “Nota Biográfica” que o leitor adentra num mundo de minucioso trabalho de investigação, que vai moldando-se a partir de seu material primevo—o do “Verbo.” Conhece-se Nemésio por ele mesmo, com adendos de suas “Notas Autobiográficas,” de livros, de entrevistas e artigos dispersos em jornais, que Garcia, também romancista, poeta e ensaísta, utiliza para delinear o escritor e seu íntimo, suas ações e sentimentos, apresentando-o como um todo “esférico” ou como o personagem principal de um “romance real.” De certa forma, Garcia biografata tal e qual o autor açoriano com “um *método de biografar* subjacente ao estilo romanesco” (11), o que torna a leitura mais fluida e prazerosa. Além disso, a “Nota Biográfica” serve como percurso inicial ao estudo da obra nemesiana, uma vez que traz indícios apontados pelo próprio Vitorino Nemésio de algumas das bases que lhe inspiraram personagens e acontecimentos em seus livros, sobretudo em sua obra de maior relevo, *Mau Tempo no Canal*.

O primeiro capítulo é uma reflexão sobre o Narrador. Garcia, ainda com uma linguagem acessível e ainda com certa linguagem romanesca, começa por interpretar *O Paço do Milhafre*, que vinte e cinco anos depois vai ser reeditado com várias modificações feitas por Nemésio sob o título de *O Mistério do Paço do Milhafre*. Garcia dá um tratamento de certo modo psicologizante à primeira edição do livro, relacionando a narrativa com dados biográficos de seu autor. Para tal, argumenta que a criação de alguns dos personagens, como a mendiga surda-muda, é uma extensão do próprio

Vitorino Nemésio recém-chegado a Lisboa, angustiado, calado e só, que sofre com a hostilidade da cidade. Vai-se aos poucos delineando a faceta do narrador nemesiano, enquanto Garcia vai cuidadosamente “revisitando” seus livros em prosa. Tal cuidado pode ser visto na análise que faz da *Varanda de Pilatos*, livro que não alcançou êxito na época em que fora impresso. O autor principia apresentando as diferentes críticas feitas ao livro, algumas simplesmente valorativas, e termina por propor uma via interpretativa da linguagem do narrador-protagonista, Venâncio, como sendo erótica (mas velada, e por isso não compreendida), para além de uma explanação de como a *açorianidade* se faz presente no livro, que seria diversa de um regionalismo mais típico ou explícito e mais próxima da oralidade. Ao analisar “Negócio de Pomba,” novela d’*A Casa Fechada*, Garcia atenta para a primeira exposição da pequena burguesia açoriana que vai receber maior destaque em *Mau Tempo no Canal*. Aliás, também Zilda, personagem de outra novela de *A Casa Fechada*, “O Tubarão,” segundo o autor, é o primeiro esboço de Margarida Clark Dulmo, a heroína daquele romance. É portanto *Mau Tempo no Canal* o livro que vai ser tratado de um modo mais aprofundado e extenso, uma vez que “todas as ficções de Vitorino Nemésio e o remate de toda a idiossincrasia açoriana” (93) estão ali presentes.

O segundo capítulo, que trata da linguagem poética, inicia-se com a discussão acerca de seu primeiro livro de poemas, *La Voyelle Promise*, escrito em francês. Garcia aventa algumas hipóteses acerca da decisão de Nemésio em escrever na língua francesa, com base num prefácio do poeta e num comentário crítico de David-Mourão Ferreira. Dentre algumas hipóteses, vale mencionar a de que Nemésio estaria rompendo com as tendências da poesia portuguesa em 1935, não querendo fazer parte de “movimentos” ou “gerações”; e outra, mais ousada, a de que tal ruptura teria seu cerne no facto de ser o poeta *açoriano*, mas, note-se, um açoriano que não assume a postura de um artista marginal, e sim a de um poeta que está à frente—no sentido de ser independente—de seu tempo. É no entanto *O Bicho Harmonioso*, seu segundo livro de poemas—escrito em português—, o berço temático do que veio a ser sua poesia posterior: a infância na ilha, o isolamento, Deus, o amor, a vida e a morte, etc. *O Bicho Harmonioso* não é, porém, um contraponto de *La Voyelle Promise*. Garcia aponta para uma continuidade que pode ser verificada na temática, no léxico e na própria “angústia” recorrente nos dois livros. É a partir de *Eu, comovido a Oeste* que se dá uma ruptura, ao menos com aquela “angústia criativa” (212), passando para a angústia da busca de

Deus: um Deus que é silencioso. A faceta poética de Nemésio, tal como ocorrera na definição de sua faceta narrativa, vai-se consubstanciando através das análises dos poemas, livro a livro, acrescidas de aspectos biográficos ou da crítica à sua obra, que Garcia habilmente utiliza para sustentar seus argumentos. O capítulo está dividido em grupos temáticos presentes na poesia nemesiana: “A Poesia Prometida,” “A Noite e a Luz,” “A Renúncia,” “O Verbo e a Vida,” “O Ritual” e “O homem exerce enquanto vive”; nos quais o autor apresenta um estudo comparativo (e analítico) das diferentes fases da produção poética de Vitorino Nemésio.

Os dois últimos capítulos, “O Investigador e o Crítico” e “O Cronista” são mais breves, mas não menos importantes para o (re)conhecimento de um escritor “multifacetado”(285). Garcia atenta para o facto de Nemésio, como investigador, singularmente reunir num mesmo projecto, questões de história, sociologia e literatura, de modo a serem relatadas sob a pena do pensador, do biógrafo e do romancista (287). Sua dissertação de doutoramento, *A Mocidade de Herculano até à volta do exílio*, é o primeiro exemplo dessa singularidade, em que Alexandre Herculano, vida e obra, além da evolução da literatura inglesa e sua influência em Portugal são discutidas. Nemésio publicou, sempre sob essa “pena do autor multifacetado”, estudos biográficos sobre Isabel de Aragão, Infante D. Henrique, Gomes Leal, Bocage, dentre vários outros. Também estudos literários, tais como *Relações Francesas do Romantismo Português*, *Études Portugaises*, *Conhecimento de Poesia*, etc., que Garcia descreve para explicitar o carácter do investigador e do crítico nemesiano. Ao tratar do cronista, é a faceta do viajante que abunda. Nemésio cronista é também historiador, etnógrafo, literato e, sobretudo, ilhéu. E é no Brasil que vai encontrar matéria para várias de suas crônicas e poesia, muitas das quais assumindo um carácter mnemônico, de retorno à infância na ilha. Mas é um cronista angustiado, de acordo com Garcia, consciente de uma “Crise.” No entanto, é capaz de enfrentá-la, “O que significa coragem.” (329)

Vitorino Nemésio—à luz do Verbo é um excelente passeio pela obra nemesiana, que traz à luz (do Verbo) novas perspectivas de análise e interpretação, para além da constatação de que Vitorino Nemésio é um dos maiores nomes da literatura do século XX em Portugal.

Tania Martuscelli é Leitora de Português na Yale University e doutorada pela Universidade de Massachusetts Amherst. Sua dissertação, *A poesia portuguesa dos anos 30 aos anos 70: Mário Henrique Leiria inédito*, analisa e apresenta a poesia inédita e dispersa de Mário Henrique Leiria, tendo como pano de fundo uma discussão histórica e estética da literatura dos anos 30 aos anos 70 em Portugal. E-mail: tania.martuscelli@yale.edu